



PÛRNA

INSTITUTO DE YOGA INTEGRAL
E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A SÍNTESE DO IOGA

SRI AUROBINDO

PARTE I - CAPÍTULO 2

A AUTOCONSAGRAÇÃO (II de III)

Compilação: Renan Leme | Transcrição: Elisangela Ribeiro

A prática do Ioga nos põe face a face com a complexidade extraordinária de nosso ser, com a multiplicidade estimulante, mas também embaraçosa, de nossa personalidade. Para o ser humano comum, que vive na superfície desperta de seu ser, ignorante das profundidades do self e das vastas extensões por trás do véu, sua existência psicológica é relativamente simples.

Uma pequena, mas vociferante, trupe de desejos, algumas exigências intelectuais e estéticas imperiosas, algumas predileções, algumas ideias dirigentes em meio a uma grande corrente de pensamentos desconectados, certo número de necessidades vitais mais ou menos imperativas, alternância entre saúde e doenças físicas, uma dispersão e sucessão inconsequente de alegrias e dores, perturbações frequentes e vicissitudes menores e, mais raramente buscas intensas da mente ou do corpo; mediante tudo isso a Natureza, organiza essas coisas de alguma maneira rudimentar e prática, em uma ordem toleravelmente desordenada: esse é o material existência do ser humano comum. Pois ainda hoje, o ser humano médio é tão tosco e pouco desenvolvido em sua vida interior quanto o homem primitivo do passado o era em sua vida exterior. Mas assim que descemos profundamente

em nós – e o Ioga significa um mergulho nas múltiplas profundidades da alma – nos encontramos rodeados de todo um mundo complexo que devemos conhecer e conquistar.

A descoberta mais desconcertante é ver que cada parte de nós – intelecto, vontade, mente sensorial, self de desejo ou self nervoso, coração, corpo – tem, por assim dizer, sua individualidade própria complexa. Descobrimos que somos compostos não de uma, mas de muitas personalidades, e cada uma tem suas próprias exigências, sua própria natureza distinta.

Nosso ser é um caos constituído, em que devemos introduzir o princípio de uma ordem divina. Muito mais da metade de nossos pensamentos e sentimentos não são nossos, no sentido de que tomam forma fora de nós. Grande parte de nossos movimentos interiores vem dos outros ou do ambiente, sob forma de matéria bruta, mas provém muito mais da Natureza universal aqui, ou de outros mundos, de outros planos ou de seus seres, de seus poderes e de suas influências, pois estamos cercados de todos os lados por outros planos de consciência que alimentam nossa vida e ação aqui ou, ao contrário, se alimentam delas, as pressionam, dominam, utilizam para manifestar suas formas e suas forças. Devemos levar em consideração tudo isso, lidar com isso, conhecer a substância secreta de nossa natureza, os movimentos que as constituem e que dela resultam, e criar em tudo isso um centro divino, uma harmonia verdadeira, uma ordem luminosa.

Ele [o ser humano] deve não apenas conquistar em si mesmo as forças egoísticas da falsidade e da desordem, mas também vencê-las enquanto representativas das mesmas forças adversas e inexauríveis no mundo. Muitas vezes o sadhaka [praticante] perceberá que mesmo depois de ter vencido com persistência sua própria batalha pessoal, ele deverá vencê-la outras vezes, em uma guerra que parece interminável, porque sua existência interior já está tão ampliada que não só contém seu próprio ser com suas experiências e necessidades bem definidas, mas está em solidariedade com o ser dos outros, porque em si mesmo ele contém o universo.

Ao aceitar todos esses conflitos como instrumentos para a realização e manifestação divinas, ele deverá converter suas discórdias ruidosas, iluminar sua obscuridade espessa, transfigurá-los um por um e todos juntos, harmonizá-los em si mesmos e uns com os outros integralmente, sem negligenciar nenhum grão, nenhuma fibra, nenhuma vibração, sem deixar em lugar algum nem mesmo um átomo de imperfeição. Uma concentração que tudo inclui é a conquista difícil em direção à qual ele deve laborar.

Concentração é, na verdade, a condição primeira de qualquer Ioga. Uma abertura vasta e massiva, uma concentração harmoniosa de todo o ser em todas as suas partes e mediante todos os seus poderes, no Um que é o Todo, é a ação mais vasta desse Ioga, sem a qual seu objetivo não pode ser alcançado. Pois aspiramos a uma consciência estabelecida no Um e que age no Todo, é ela que buscamos impor a cada elemento de nosso ser e a cada movimento de nossa natureza.

Mas embora a concentração de todo o ser no Divino seja a característica do Ioga, nosso ser é uma coisa demasiada complexa para ser pego de modo tão fácil e imediato. Em seu esforço para a transcendência, o ser humano, em geral, deve apegar-se a alguma mola ou alavanca poderosa na máquina complicada que é sua natureza para pôr a máquina em movimento na direção que ele tem em vista.

Em suas atividades vitais inferiores é o desejo que a Natureza usa como sua alavanca mais poderosa; mas o ser humano, e esse é seu caráter distintivo, é um ser mental e não uma criatura apenas vital. Assim como pode usar sua mente pensante e vontade para frear e corrigir seus impulsos vitais, ele pode também introduzir na ação uma mente ainda mais elevada, luminosa ajudada pela alma profunda nele, o ser psíquico, e substituir por esses poderosos motores maiores e mais puros, a dominação da força vital e sensorial que chamamos desejos. Essa mentalidade superior e essa alma profunda, esse elemento psíquico no ser humano, são os dois ganchos com os quais o Divino pode apoderar-se da natureza humana.

A mente humana superior não é razão ou a inteligência lógica – é algo mais elevado, mais puro, mais vasto, mais poderoso. O animal é um ser vital e sensorial; o ser humano, diz-se, distingue-se do animal porque possui razão.

A importância verdadeira e última de nossa inteligência que observa, interroga, raciocina e julga é preparar o ser humano para receber corretamente e deixar agir corretamente uma Luz do alto que, de maneira progressiva, deve substituir nele a obscura luz do baixo que guia o animal.

À medida que domina e aclara assim seu self interior, ele se torna um ser humano e deixa de ser um animal. Quando pode começar a substituir por completo o desejo por um pensamento, uma visão e uma vontade ainda maiores, iluminados, em contato com o Infinito, sujeito e maneira consciente a uma vontade mais divina que a sua e ligada a um conhecimento mais universal e transcendente, ele começou sua ascensão em direção ao supra-homem; eleva-se em direção ao Divino.

É, então na mente superior ou no coração interior das emoções e dos sentimentos mais profundos que devemos primeiro centrar nossa consciência e fazer disso nossa alavanca, que elevará nossa natureza inteira em direção ao Divino. A concentração de um pensamento, de uma vontade e de um coração esclarecidos, voltados em uníssono para o único, vasto objetivo de nosso conhecimento, em direção à única e luminosa fonte infinita de nossa ação, ao único objetivo imperecível de nossas emoções, é o ponto de partida do Ioga.

E o objetivo de nossa busca deve ser a própria fonte da Luz que cresce em nós, a própria origem da Força que chamamos para mover nossos membros. Nosso único objetivo deve ser o próprio Divino, ao qual, algo em nossa natureza secreta aspira sempre. É preciso uma concentração vasta e multifacetada do pensamento na ideia, na percepção, na visão, no toque que desperta, na realização do Divino único pela alma. É preciso uma concentração ardente do coração na busca do Todo, do Eterno e, quando o encontramos, um mergulho profundo, uma imersão na posse e no êxtase d'aquela que é o Todo-Beleza.

É preciso uma concentração poderosa e inabalável da vontade na conquista e consumação de tudo o que o Divino é, e uma abertura livre e flexível a tudo o que Ele quer manifestar em nós. Esse é o caminho triplo do Ioga.